

NO CALOR DE MARANGUAPE

DEPOIS DE UM MÊS E MEIO DE TRABALHO NO INTERIOR DO CEARÁ, PEDRO JORGE CONCLUI AS FILMAGENS DE *O CALOR DA PELE*

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

OPólo de Cinema e Vídeo do DF jogou papel decisivo na feitura de dois longas-metragens que concluíram suas filmagens praticamente na mesma semana: *A Terceira Margem do Rio*, de Nélson Pereira dos Santos, e *O Calor da Pele*, de Pedro Jorge de Castro. Enquanto todas as atenções convergiam-se para a recriação de cinco contos de Guimarães Rosa, que consumiu cinco meses de trabalho (entre Paracatu e Sobradinho), Pedro Jorge consumiu, sem alarde, apenas um mês e meio de trabalho (em Maranguape, no Ceará).

Ontem, ele regressou a Brasília, com a alegria do dever cumprido. Afinal, já estão na lata os negativos de *O Calor da Pele* escrito em parceria com o dramaturgo e ator Ricardo Guilherme, cearense como ele. Oito anos depois de *Tigipió, Uma Questão de Amor* (1985), ele conseguiu, com poucos recursos e muita obstinação, concluir seu segundo longa-metragem. No elenco, o cearense-brasiliense B. de Paiva, a paulista Esther Góes, a brasiliense Denise Milfont e a pernambucana Patrícia França. Com eles, atores coadjuvantes e figuração selecionada em Fortaleza.

Na equipe técnica, companheiros de *Tigipió*, como o fotógrafo Miguel Freire e o cenógrafo e produtor Jefferson Albuquerque. Ao longo de 45 dias, 40 pessoas se dedicaram integralmente ao filme. Agora, Pedro Jorge espera ver *O Calor da Pele* pronto a tempo de concorrer no XXVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (24 a 30 de novembro próximo).

— Porque você demorou oito anos para realizar seu segundo longa-metragem, se o resultado de *Tigipió* foi considerado satisfatório?

— Na verdade, três anos depois de *Tigipió*, eu tinha a produção de *O Calor da Pele* inteiramente articulada. Já havia assinado contrato com a Embrafilme e cheguei a me deslocar, com a equipe, para o Ceará, onde iria deflagrar a produção. Meu projeto havia sido selecionado com outros 20. Os cariocas realizaram seus filmes. Já Berenice Mendes, do Paraná, e eu ficamos de fora. O dinheiro não chegou e tive que desarmar o circo, arcando com prejuízo de US\$ 70 mil e tendo que interromper patrocínio em serviços de várias empresas do Nordeste. Este foi meu primeiro grande trauma. Fui curá-lo, na Itália, onde fiz curso de Pós-Doutoramento (Pedro Jorge é professor de Cinema na Faculdade de Comunicação da UnB).

— Lá, você trabalhou com os Irmãos Taviani e retomou suas origens cinematográficas, não?

— Isto mesmo. Nos anos 60, estudei no Centro Experimental de Cinematografia em Roma, onde realizei meu primeiro curta, *Studenti ao Lavoro*. Além de estudos de pós-doutoramento, realizei um vídeo sobre os Irmãos Taviani, que dura 40 minutos e está no CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa da UnB) para legendagem. Ao regressar ao Brasil, produzi, na Paraíba, um vídeo (*Romance do Dinossauro*, 16 minutos) que mostra a influência do Vale dos Dinossauros no imaginário da cultura popular nordestina. Para a TV, realizei programas da série *Estação Ciência* e colaborei com o *Documento Especial*, da Manchete. E criei a finalização de dois curtas-metragens: *O Homem Que Ensinou a Voar* (23 minutos), sobre Santos Dumont, e *A Fazenda Pau D'Alho* (10 minutos), obra arquitetônica tombada pelo patrimônio histórico. Fiz, ainda, um dos episódios de *Brasília, a Última Utopia*, produzido pelo José Pereira, I (O Sinal da Cruz).

— E é que você percebeu que já podia "rear-mar o circo" e produzir *O Calor da Pele*?

— Quando foi classificado pelo Edital Nacional do Pólo de Cinema e Vídeo do DF. Bastou este aval do Estado para que a confiança dos meus parceiros (Transbrasil, General Motors, Grupo Edson Queiroz/Indaiá, Sesni, prefeituras de Maranguape e Fortaleza e Banco do Nordeste) reassessim o projeto.

— Estas empresas privadas e órgãos estaduais nordestinos entraram com dinheiro vivo ou só com infra-estrutura?

— A Prefeitura de Fortaleza e o Banco do Nordeste entraram com dinheiro vivo, como o Pólo, que me liberou parcela de US\$ 40 mil. Os demais, entraram com serviços essenciais na feitura de um filme. Se não fossem eles, a produção não sairia do papel. Contamos, ainda, com apoio fundamental das famílias Pompeu de Souza Brasil e Ximenes, que nos ofereceram, gratuitamente, suas casas e fábrica de tecelagem para cenários do filme e hospedagem de artistas e técnicos. O IBAC (Instituto Brasileiro de Arte e Cultura) e o CPCE entraram com equipamentos. Meu irmão, Antônio Marçal, economista de profissão, aventurou-se no mundo do cinema e administrou cada tostão de nossa econômica produção.

— Quando você concluiu *Tigipió*, foi convocado a ministrar curso de produção na África já que realizou verdadeiro milagre nas finanças do filme. Repetiu a mesma "economia de guerra" em "*O Calor da Pele*"?



Patrícia França nas filmagens de *O Calor da Pele*, que marca a estréia no cinema da atriz revelada pela Rede Globo

Entre a vida artística e o serviço público

B. de Paiva, 60 anos, é uma das personalidades maisativas da vida cultural brasileira. Coordenador do escritório do IBAC-MinC em Brasília, presidente do Conselho Diretor da FBT (Faculdade Brasileira de Teatro), professor aposentado da UnB, ator e diretor conjugado, como poucos, a vida artística com a missão de funcionário público.

Ele chegou ao cinema em 1970, pelas mãos de Carlos Alberto Prates Correia, em seu primeiro longa-metragem, o desconhecido *Crioulo Doido*, concebido para chamar-se *Filho Pródigo*. Nove anos depois, "um acidente bíblico" devolveu Paiva ao cinema. "Fui convocado pelo Ipojuca Pontes para interpretar um matador em *A Volta do Filho Pródigo*". Na época, era reitor da Uni-Rio. Ele, que desempenhou papel coadjuvante na novela *Irmãos Coragem*, continuou atuando na Rede Globo. Fez *Carga Pesada* e *Plantão de Polícia* e as minisséries *Lampião* e *Maria Bonita* e *O Pagador de Promessa*.

Nos anos 80, radicou-se para valer em Brasília. Em 81, atuou em *O Sonho Não Acabou*, de Sérgio Rezende. Em 85, fez *Tigipió*, que lhe rendeu prêmios de "melhor coadjuvante" nos festivais de Brasília e Caxambu. Seguiram-se A

— Elaborei, com a experiência de *Tigipió*, um Manual de Implantação de Produção, que em breve será publicado pela Universidade Federal do Ceará. Nele, situos 112 passos necessários a uma produção eficiente e econômica. Quando dividimos e compartimentalizamos, dentro de uma lógica seqüencial, as atividades, tudo transcorre sem grandes transtornos, otimizando-se o tempo e a produção. Nos cursos que ministrei em países africanos de língua portuguesa, falei disso.

— Em *Tigipió*, você trabalhou na média do "2 para 1", ou seja, filmou cada plano duas vezes. Chaplin, em "Luzes da Cidade", filmou, na sequência da moça cega, na base de 100 para 1. Aqui, Nélson Pereira trabalhou com uma mé-

TV Que Virou Estrela de Cinema, de Yanko del Pino e Márcio Curi; *A República dos Anjos*, de Carlos del Pino; *O Sinal da Cruz*, episódio de *Brasília, a Última Utopia*, e *Conterrâneos Velhos de Guerra*, de Vladimir Carvalho.

Em 1976, cometeu sua primeira ousadia atrás das câmeras. Dirigiu, para o Exército, o documentário *Cuare*, (80 minutos). "Quis mostrar" — conta — "que o curare, produto retirado de rafzes brasileiras maceradas pelos índios, saiu de nossas matas e foi dar aos estrangeiros a patente da anestesia".

Em novembro, B. de Paiva espera estar participando do Festival de Brasília, agora na qualidade de ator protagonista. "Américo, diz ele, é diferente de Cesário, o homem rústico e sofrido de *Tigipió*, capaz de matar a filha e o engenheiro que a deflorou, para estar em paz com a sua ética, ligada à noção de honra do século passado". Já o novo personagem, um rico empresário, "é fino, educado, bem colocado na escala social, mas em pleno século XX, não se constrange em estuprar afilhadas jovens que retira de casas pobres para servi-lo. Sua postura ética merece estar em xeque, mesmo que este tipo de estupro não lhe renda as barbas da prisão". (MRC)

dia de "5 para 1", chegando, em certos planos, a fazer "15 por 1". Você é realmente, um economizador de película?

Pedro — Realizei *Tigipió* com US\$ 120 mil. Houve planos que foram feitos na base "1 para 1". Era aquele e não havia alternativa. Por isto, ensaiávamos muito e errávamos pouquíssimo. Com *O Calor da Pele*, ficamos na base de "2 por 1" e só fizemos o *retake* de dois planos, prejudicados por problemas de estouro de luz.

— Por isto, muitas vezes, filmamos seqüências noturnas em pleno dia. Escurecíamos as varandas com panos pretos.

— *O Calor da Pele* é filme tão barato quanto *Tigipió*?

— Não. É mais caro. Seu custo total, com laboratórios e tudo, chegará a US\$ 700 mil. Me lembro que, ao mostrar *Tigipió* num festival na Tchecoslováquia, o pessoal assustou-se. Lá estava *Ran*, de Kurosawa, que tinha custado US\$ 22 milhões. Eles ficavam boquiabertos ao saber que eu gastara pouco mais de US\$ 100 mil.

— Você vai entrar, agora, na fase de laboratórios. O que lhe garante que o filme não emperrará?

— A minha certeza de que o Pólo vai pagar a parcela que me deve e a esperança de que, realmente, a Comissão de Seleção de Projetos do MinC, que se reúne semana que vem no Rio, vai priorizar os filmes em fase de finalização. Com estes recursos, bancarei a fase de montagem, dublagem, mixagem, trilha sonora (que deverá ser feita por Eduardo), copiagem etc.

— Com os negativos na lata, que cronograma você se impõe?

— Nas próximas seis ou sete semanas, José Tavares de Barros (professor da UFMG) e eu vamos montar o filme. Depois, consumiremos uma semana na dublagem. Como fiz um filme de muitos silêncios (dois personagens, o de Patrícia França e o do motorista Francisco Falcão praticamente não falam), a dublagem será rápida. Com dinheiro na mão, a fase de laboratórios se torna bem mais simples e rápida.

— O que aproxima e distancia *Tigipió* e *O Calor da Pele*, como projetos estéticos?

— Há mais proximidades. *Tigipió* se passa no ano de 1919, no Nordeste e baseia-se em conto homônimo de Herman Lima. *O Calor da Pele* é um argumento original e a trama se desenvolve nos anos 50, também no Nordeste. Nos dois, cuido do lado plástico e usei a palavra muitas vezes como elemento contraditório da imagem. Este confronto, para mim, é muito importante.

— *Tigipió* registra a moral rude e vingativa de homem ligado à terra, revoltado pelo fato da filha ter se entregado, sexualmente, a um engenheiro que vem de fora. De que fala *O Calor da Pele*?

— Não gostaria de contar a história do filme. Não quero quebrar o fator surpresa.

— Mas dê uma sinopse da trama, sem contar seu desfecho.

— Inspirei-me em personagem real: um empresário progressista nos negócios, mas retrôgrado em suas relações amorosas. Pesquisei-o na história cearense e pernambucana.

— Ele é uma espécie de Delmiro Gouveia?

— Tem pontos em comum com Delmiro, mas não é inspirado nele. Américo (B. de Paiva) é um industrial nordestino, de pensamento voltado para o desenvolvimento da região, nos anos do pós-Guerra. De forma velada, sua mulher, Mina (Esther Góes) o auxilia em sua vida amorosa extraconjugal. Ele traz "afilhadas" do sertão, mocinhas novas, que educa, coloca na aula de datilografia, conduz à Escola Normal. Estas moças, porém, são criadas para servir aos seus desejos sexuais, com a cumplicidade da esposa.

— Em *O Calor da Pele*, ele se relaciona com apenas duas destas "afilhadas", uma interpretada por Denise Milfont e a outra, por Patrícia França.

— No filme, são citados muitos outros relacionamentos dele com as "afilhadas" trazidas do interior. Mas a trama se prende a Zélia (Milfont), que já cumpriu seu ciclo, e Neves (Patrícia França), a que chega. Uma sai e começo o treinamento da outra. E é no treinamento de Neves que o conflito se estabelece.

— Ela se rebela?

— Não vamos estragar a surpresa do filme. Basta ficar sua trama básica: um empresário de pensamento progressista, capaz de afirmar que "operário que a gente prepara, a gente não coloca na rua", mas que, em sua vida pessoal, segue o risco de outro bordado.

— *Tigipió* foi lançado quando havia mercado para o filme brasileiro. Hoje, este mercado desapareceu. Que destino terá o filme?

— *Tigipió* se pagou no mercado brasileiro, porque custou muito pouco. E mais, foi vendido para o circuito comercial tcheco e exibido na TV alemã. Aqui, em 88, foi lançado em vídeo pela Manchete. *O Calor da Pele* encontrará o mercado desorganizado, mas creio que faz parte de série de filmes que promoverá o reencontro do cinema brasileiro com seu público. Muita gente me diz que está sentindo falta de nossos filmes nas telas.

— E por que estas pessoas não vão ao cinema ver filmes nacionais, que estão com índices de bilheteria baixíssimos? Será que esta fome de imagens brasileiras não é surpresa pela TV? Na última 5ª feira, a Globo abriu três minutos para *Patativa do Assaré*, em Renascer.

— Não, a TV não supre a carência do público por imagens brasileiras. O ritual do cinema é insubstituível. A qualidade da imagem, o tamanho da tela, o escuro da sala são itens insubstituíveis. Além do mais, no cinema, não há intervalos comerciais. A obra é mostrada em sua integridade.